



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
CURSO DE LETRAS - PORTUGUÊS**

**ÁDRIAN DINOÁ CARVALHO**

**A IDENTIDADE CULTURAL PARAIBANA NO CONTO *CAI CAI BALÃO* DE  
EFIGÊNIO MOURA**

**CAMPINA GRANDE - PB  
2023**

ÁDRIAN DINOÁ CARVALHO

**A IDENTIDADE CULTURAL PARAIBANA NO CONTO *CAI CAI BALÃO* DE  
EFIGÊNIO MOURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Coordenação do Curso de Graduação em  
Letras — Português, da Universidade Estadual  
da Paraíba, como requisito parcial à obtenção  
do título de Licenciado em Letras.

**Área de concentração:** Literatura

**Orientador:** Prof. Dr. Anacã Rupert Moreira Cruz e Costa Agra

**CAMPINA GRANDE - PB  
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C331i Carvalho, Ádrian Dinoá.  
A identidade cultural paraibana no conto Cai Cai Balão de Efigênio Moura [manuscrito] / Ádrian Dinoá Carvalho. - 2023.  
26 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. Anacã Rupert Moreira Cruz e Costa Agra, Departamento de Letras e Artes - CEDUC. "

1. Literatura paraibana. 2. Identidade cultural. 3. Contos contemporâneos. I. Título

21. ed. CDD 401.41

ADRIAN DINOÁ CARVALHO


A IDENTIDADE CULTURAL PARAIBANA NO CONTO *CAI CAI BALÃO* DE  
EFIGÊNIO MOURA

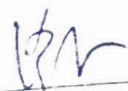
Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Coordenação do Curso de  
Graduação em Letras — Português, da  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
Licenciado em Letras.

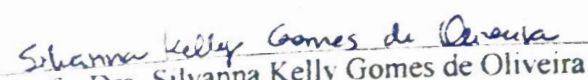
Área de concentração: Literatura.

Aprovado em: 30/11/2023.

**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof. Dr. Anacã Rupert Moreira Cruz e Costa Agra (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Dra. Silvana Kelly Gomes de Oliveira  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À família, por todo empenho na minha  
educação, DEDICO.

“A literatura é uma escola  
Que nos ensina a pensar,  
A sentir,  
A viver.”  
(Mário Quintana)

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2</b>	<b>A IDENTIDADE CULTURAL .....</b>	<b>8</b>
<b>2.1</b>	<b>Sua identidade, por favor .....</b>	<b>8</b>
<b>2.2</b>	<b>Personagem e espaço .....</b>	<b>11</b>
<b>3</b>	<b>ESTREBUCHANDO O TEXTO .....</b>	<b>14</b>
<b>3.1</b>	<b>DISSECANDO O TEXTO .....</b>	<b>14</b>
<b>3.2</b>	<b>Preenchendo o texto .....</b>	<b>17</b>
<b>4</b>	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>21</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>23</b>
	<b>ANEXO – CONTO TRANSCRITO .....</b>	<b>24</b>

## A IDENTIDADE CULTURAL PARAIBANA NO CONTO *CAI CAI BALÃO* DE EFIGÊNIO MOURA

Ádrian Dinoá Carvalho<sup>1</sup>

### RESUMO

As relações entre a vida e a literatura se solidificam ao longo dos anos por estudos que buscam verificar a representação de uma na outra. Considerando isso, a presente pesquisa buscou analisar como as marcas da identidade cultural paraibana aparecem em contos contemporâneos. Assim, o objetivo da pesquisa foi identificar as marcas da identidade cultural paraibana no conto “Cai Cai Balão de Efigênio” Moura. Nesse sentido, delimita-se pesquisa bibliográfica de cunho exploratório, a partir das obras literárias: *Apurado de contos* de Efigênio Moura; *O dia em que comemos Maria Dulce* de Antônio Mariano; *O professor de piano* de Rinaldo de Fernandes e *Os ratos amestrados fazem acrobacias ao amanhecer* de Políbio Alves. Tomamos como base teórica os escritos de Hall (2022) e Bhabha (2013) para teorias de identidade, Piglia (2004) e Gancho (2006) para teoria do conto, Brait (1985) e Aguiar e Silva (1968) para análise de narrativas e Bosi (1988) para leitura e interpretação. Concluimos, a partir da análise do conto, que a representação literária da identidade cultural paraibana, na obra em questão, se dá principalmente a partir da construção do espaço e das personagens, de maneira não-estereotipada.

**Palavras-Chave:** Literatura paraibana; Identidade cultural; Contos contemporâneos.

### ABSTRACT

The relationships between life and literature have been solidified over the years by studies that seek to verify the representation of one in the other. Considering this, this research sought to analyze how the marks of Paraíba's cultural identity appear in contemporary stories. Thus, the objective of the research was to identify the marks of Paraíba's cultural identity in the story “Cai Cai Balão”, by Efigênio Moura. In this sense, bibliographical research of an exploratory nature is delimited, based on the literary work *Apurado de Contos* by Efigênio Moura; *The day we ate Maria Dulce* by Antônio Mariano; *The piano teacher* by Rinaldo de Fernandes and *The trained rats perform acrobatics at dawn* by Políbio Alves. We take as a theoretical basis the writings of Hall (2022) and Bhabha (2013) for identity theories, Piglia (2004) and Gancho (2006) for short story theory, Brait (1985) and Aguiar e Silva (1968) for narrative analysis and Bosi (1988) for reading and interpretation. We conclude, from the analysis of the short story, that the literary representation of Paraíba's cultural identity, in the work in question, occurs mainly through the construction of the space and the characters, in a non-stereotypical way.

**Keywords:** Literature of Paraíba; Cultural identity; Contemporary short story.

---

<sup>1</sup> Licenciado em Letras Português pela UEPB (adrian.dinoa@gmail.com)



## 1. INTRODUÇÃO

Para Aristóteles, a arte imita a vida. É a partir da origem do pensamento ocidental que percebemos a arte da literatura intrínseca à humanidade nos reflexos de suas identidades e culturas. As representações literárias se estabelecem através do ato inerente do ser humano de contar histórias, na medida em que nos apresenta personagens, locais, conflitos e situações que são semelhantes aos que encontramos na vida real. Essas características se apresentam na história muito antes da escrita, as histórias contadas verbalmente, assumiram um caráter na constituição da sociedade através da transmissão de conhecimentos, na doutrinação, no entretenimento, na representação do amor e em tantas outras situações sociais. Hoje, ao olharmos para o percurso histórico da literatura na sociedade e para os estudos desenvolvidos nesse campo, conseguimos estabelecer que as relações entre literatura e vida estão conectadas quanto à representação do mundo.

Inseridos nessa relação, questionamos a respeito das representações de identidade cultural paraibana na literatura, especificamente em contos escritos por paraibanos. A partir da inquietação formada sobre o acesso a essas literaturas e ao precário conhecimento de suas representações, realizamos a leitura das obras *Apurado de contos*, de Efigênio Moura, *O dia em que comemos Maria Dulce*, de Antônio Mariano, *O professor de piano*, de Rinaldo de Fernandes e *Os ratos amestrados fazem acrobacias ao amanhecer*, de Políbio Alves. A partir dessas obras, delimitamos nosso objeto de estudo, embasados por questões estéticas e pela afinidade que o texto demonstrou em iluminar nossa problemática. Logo, definimos o objetivo geral de nossa pesquisa: identificar as marcas da identidade cultural paraibana no conto “Cai Cai Balão”, de Efigênio Moura.

O conto apresenta uma cena situada na cidade de Campina Grande, Paraíba, especificamente no Parque do Povo, durante o show de Flávio José no Maior São João do Mundo. Apresenta dois personagens, *Batistinha* e *Juãozin Piaçava*, em um momento cômico que se desenrola durante uma entrevista realizada por uma equipe do sul do país. É através da oposição dos times de futebol por quais torcem, o Treze e o Campinense, que os personagens deixam a equipe de entrevista desconfortáveis. A representação de espaços reais e das marcas da oralidade designadas nas falas dos personagens foram os elementos determinantes para a escolha desse conto como objeto de estudo.

Acerca da metodologia, esse trabalho pode ser classificado como exploratório, na medida em que “estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses”. (Gil, 2002, p.41). Como os procedimentos técnicos adotados para a pesquisa consistem em analisar livros literários, buscar por teorias literárias e publicações científicas, que contemplam o tema, assumimos o caráter de pesquisa bibliográfica. Assim, organizamos uma sequência de leitura para que os objetivos da pesquisa fossem estabelecidos e contemplados. Primeiro, buscamos por obras de contos escritos por paraibanos sem estabelecer critérios especiais na seleção. As obras foram descobertas na biblioteca da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), por indicação do orientador da mesma instituição, através de pesquisas na internet e indicações de colegas de curso. Ao todo, foram lidos 54 contos dos autores paraibanos encontrados. Embora se trate uma quantidade pequena, consideramos que os contos apresentaram boa perspectiva para discutir as problemáticas levantadas, sendo uma amostragem representativa da questão.

Assim, o trabalho foi organizado em dois capítulos. No seção I, referenciamos os estudos de Stuart Hall (2022) e Homi Bhabha (2013) para introduzir as discussões sobre identidade cultural em paralelo com a literatura selecionada. Tratamos das questões de estilo na teoria do conto através de Ricardo Piglia (2004), dos personagens por Beth Brait (1985) e Aguiar e Silva (2004). No capítulo II, iniciamos a análise do conto, primeiro com um olhar voltado para o texto, depois, em cunho interpretativo, onde nos embasamos com Alfredo Bosi

(1988). Por fim, apresentamos a conclusão diante dos elementos que puderam ser identificados no conto e na obra *Apurado de contos* de Efigênio Moura sobre a identidade cultural paraibana a partir da presente pesquisa.

## 2. A IDENTIDADE CULTURAL

### 2.1. Sua identidade, por favor

É sabido que o ser humano em suas individualidades está inserido em contextos sociais que promovem e delimitam a sua identidade. Contudo, discutir identidade é como se embrenhar na caatinga e acreditar que vai ser fácil. Ao dizer que

o próprio conceito com o qual estamos lidando – identidade – é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova. (Hall, 2022, p. 09)

Stuart Hall elucida que a entrada no debate da identidade não é algo a ser concluído, mas sim ampliado. Nosso intuito é, em verdade, compreender as marcas da identidade cultural paraibana a partir do conto “Cai Cai Balão” escrito por Efigênio Moura. Para isso, nesta seção, contextualizamos as discussões das teorias de Stuart Hall (2022) e Homi Bhabha (2013) em busca de estabelecer um paralelo com o texto literário e discutir seus equivalentes nas obras selecionadas.

Portanto, em primeiro plano, destacamos as distinções de Hall (2022) sobre três concepções de identidade que sugerem a divisão básica de suas análises: a) sujeito iluminista; b) sujeito sociológico; c) sujeito pós-moderno. Essas concepções contemplam as representações gerais dos sujeitos de suas épocas. Respectivamente, o autor classifica o primeiro como o sujeito mais egoísta, aquele que está no centro, que domina a razão, a consciência e a ação. O segundo, como sujeito que compreende que o eu, marca identitária do primeiro, não está completo por si só e o mundo ao seu redor influencia na sua identidade. O terceiro aparece como sujeito conflituoso, que a partir das mudanças dos sistemas mundiais, como o início dos desenvolvimentos tecnológico e científico e da globalização, sofre a perda da estabilidade identitária promovida pelos sistemas anteriores.

Entretanto, percebendo que essas discussões fomentam principalmente as características de identidade dos sujeitos do século XIX e século XX, propomos que a compreensão dessas concepções não seja tomada como ideais fixos e, sim, como espectros que estão influenciados entre si e servem de base para facilitar uma possível classificação de identidade dentro das características discutidas na pesquisa. Desse modo, para fins de maior equivalência, compreendemos que o terceiro sujeito classificado por Hall (2022) é o mais próximo da nossa realidade. Na medida em que, na vivência atual das identidades, consideramos os entremeados de gênero, etnia, sexualidade e outras formas de identificação, sendo possível reconhecer nos sujeitos contemporâneos um verdadeiro campo de batalhas internas e externas. Além disso, as questões da globalização mais enraizadas nas vidas dos sujeitos, viabilizado pelo rápido desenvolvimento tecnológico vivenciado no século XXI, faz com que as discussões de identidade estejam mais abrangentes e conflituosas. Destacamos a colocação de Stuart Hall diante da influência da globalização nas questões de identidade:

O que é importante para nosso argumento quanto ao impacto da globalização sobre a identidade é que o tempo e o espaço são também as coordenadas básicas de todos os sistemas de *representação*. Todo meio de representação – escrita, pintura, desenho, fotografia, simbolização através da arte ou dos sistemas de telecomunicação – deve

traduzir seu objeto em dimensões espaciais e temporais. Assim, a narrativa traduz os eventos numa sequência temporal começo-meio-fim; os sistemas visuais de representação traduzem objetos tridimensionais em duas dimensões. Diferentes épocas culturais têm diferentes formas de combinar essas coordenadas espaço-tempo. (Hall, 2022, p.40)

Em segundo plano, para tratar da cultura, consideramos os estudos de Bhabha (2013). Partindo do pressuposto de que a cultura e a identidade estão ligadas uma à outra pelo fator humano e compreendendo que a identidade é um campo de batalhas, não podemos presumir que seja estabelecido um local final e definido para a cultura. Mas, parece possível procurar uma posição para ela ocupar junto aos significados que buscamos na nossa pesquisa. Desde que fique claro que a nossa intenção sobre o local onde vamos encontrar a cultura não seja fantasioso para atender nossas expectativas. Mais, que a nossa perspectiva é ampliar as discussões, inquietar, projetar novos horizontes quanto ao lugar paraibano, no recorte da literatura de contos contemporâneos escritos por paraibanos. Concordamos com a indagação de Homi Bhabha, no seu posicionamento quando ele introduz as teorias para discutir cultura:

Quero me situar nas margens deslizantes do deslocamento cultural – isto torna confuso qualquer sentido profundo ou “autêntico” de cultura “nacional” ou de intelectual “orgânico” – e perguntar qual poderia ser a função de uma perspectiva teórica comprometida, uma vez que o hibridismo cultural e histórico do mundo pós-colonial é tomado como lugar paradigmático de partida. (Bhabha, 2013, p. 50)

Sendo assim, ao nos embrenharmos nas questões de identidade e cultura para refletir sobre como estão sendo apresentadas e representadas no recorte da pesquisa, propomos, que exploremos, também, os conhecimentos empíricos das vivências representadas nos contos paraibanos. Na medida em que a teoria ocidental eurocêntrica e/ou norte-americana não alcançar a nossa realidade. Com isso, buscamos explorar, contextualizar e estabelecer esse paralelo nas questões de identidade e cultura no recorte dos textos literários selecionados, com objetivo principal de perceber como essa identidade cultural é representada e, conseqüentemente, que lugar está ocupando.

Nesse sentido, seguindo Hall (2022) e Bhabha (2013), entendemos que para debater identidade e cultura é preciso olhar para os sujeitos, seus comportamentos, os espaços que ocupam e seus contextos. Logo, estabelecendo o paralelo com a literatura, fica claro que para cumprir os objetivos da pesquisa, precisamos focar nos personagens e espaços dos contos selecionados, pois, são esses elementos da narrativa que podem representar os sujeitos e os lugares da realidade através da ficção e podem ampliar nossas discussões sobre a identidade cultural paraibana em contos contemporâneos escritos por paraibanos. Logo, selecionamos alguns trechos de contos das leituras realizadas, para delimitar melhor nosso olhar diante do que nos propomos contextualizar.

Vejamos um trecho do conto “Bin Laden em Monteiro” de Efigênio Moura:

Deuzin e Abdias estavam sentados em um banco, na Praça Nilo Feitosa, centro de Monteiro, conversando sobre os acontecimentos do dia. Abdias puxou conversa:

— *Mataro Bin Laden.*

— *Quem?*

— *Bin Laden, um cangacêro baibudo.*

— *Quem mato?*

— *Óvi lá in Paulo Cabeção os povo dizem qui foi a volante americana junto com os meninos da civil.*

Deuzin não entendia de volante nem de Bin Laden, mas achava que entendia de cangaceiro. (Moura, 2016. p. 25).

Nesse conto, podemos identificar a possível representação da identidade cultural paraibana através dos elementos da narrativa: espaço e personagens. As marcas do espaço, que se destacam para essa possibilidade, aparecem na utilização de espaços geográficos reais na ambientação do conto. Já as marcas dos personagens se apresentam através dos diálogos que são adaptados para imitar a oralidade regional. Além disso, a temática representa uma cultura globalizada, o que acomoda os sujeitos contemporâneos no seu espaço-tempo, em uma possibilidade de identidade cultural mais abrangente.

Ressaltamos que as características dos espaços percebidas no trecho acima, pertencem ao estilo que o autor Efigênio Moura apresenta na obra *Apurado de contos*, que está repleto de lugares reais e que são utilizados na ficção. Elementos semelhantes foram encontrados na obra *Os ratos amestrados fazem acrobacias ao amanhecer*, especificamente no conto “Arestas tropicais”, na representação de espaços reais da região metropolitana da Paraíba, como *Bayeux*, *Restinga de Cabedelo*, *Cruz das Armas*. Os outros contos, das outras obras lidas, não utilizam espaços que representam explicitamente os reais.

Entretanto, mesmo quando não são explicitamente referenciados, é possível perceber nos detalhes, os elementos reais da região. E, assim, verificar representações de identidade e cultura localizadas no espaço. Vejamos um trecho do conto “Oferta” de Rinaldo de Fernandes:

Pela janela olho em volta procurando o mar, sim, o mar, pois na propaganda o casebre ficava à beira-mar, a pista seguia beirando a praia onde, fechando a cena, o rapaz se perdia nas areias alvas. Não há mar, mas uma paisagem seca, de muitos gravetos. Sim, afinal reconheço, longe, as toscas casas de pau a pique do sertão. O calor é forte e, ao espiar a geladeira, sinto que a fria fumaça dorme ali dentro, espera que eu a solte pela sala. Adianto-me um pouco, puxo a porta e vejo as cervejas (qual a marca daquelas outras?) bem postas dentro da geladeira. É necessário que, além do sofá, a velha me ofereça um abridor para eu espocar uma das cervejas, eu preciso muito, como o jovem da propaganda, pois a sede dói. Porém percebo que a velha sumiu, deixou a venda por algum motivo, indo para o interior, para o mistério que é o restante desse casebre. Não vem o vento do mar, mas um bafo quente misturado ao cheiro do asfalto onde, vez por outra, passa um caminhão. Não brilha a onda, mas a grande pedra fincada ao lado do cercado, perto das bananeiras. (Fernandes, 2010, p. 48-49)

Nesse fragmento, podemos perceber que o espaço representado é um casebre no sertão paraibano. Isso pode se dar pela descrição da paisagem seca, com muitos gravetos, e das toscas casas de pau a pique. O calor também é um elemento que remete ao sertão. Entretanto, não é plausível que tomemos essa identificação como única, mas sim como uma possibilidade, que depende das relações que o leitor vai estabelecer com o texto. Acreditamos que um leitor paraibano teria facilidade em criar relações de identidade com o local, a partir do conhecimento dos espaços do sertão de sua região. Concluimos, sobre esse conto, que o sertão é, sem dúvidas, um elemento importante da cultura paraibana e, portanto, interpretamos como uma possível representação da sua identidade cultural.

É pertinente elucidar que nos retratamos às possibilidades de representação, na medida em que um texto literário não representa por si só significados definidos e terminados. Vejamos o que discorre Homi Bhabha sobre as relações de significados entre textos e cultura:

A razão pela qual um texto ou sistema de significados culturais não pode ser autossuficiente é que o ato de enunciação cultural – o lugar do enunciado – é atravessado pela *différance* da escrita. Isto tem menos a ver com o que os

antropólogos poderiam descrever como atitudes variáveis diante de sistemas simbólicos no interior de diferentes culturas do que com a estrutura mesma da representação simbólica – não o conteúdo do símbolo ou sua função social, mas a estrutura da simbolização. É essa diferença no processo da linguagem que é crucial para a produção do sentido e que, ao mesmo tempo, assegura que o sentido nunca é simplesmente mimético e transparente. (Bhabha, 2013, p.70).

Esse é o caso da leitura do conto “O dia em que comemos Maria Dulce” de Antônio Mariano, na qual se apresenta a temática da fome em um desfecho horrendo da personagem Maria Dulce sendo canibalizada pelas crianças carentes que estava ajudando. Permite, por exemplo, que analisemos questões da cultura, como a fome durante os períodos de seca no sertão, ou das relações dos processos de industrialização, na medida em que Maria Dulce é filha de um empresário do ramo alimentício, em níveis regionais e nacionais. Também encerra caminho interpretativo através da ideia de globalização, na medida em que o cardápio oferecido por Maria Dulce, para crianças famintas, contempla doces como *chantily* e *cupcake*. Os elementos são dispostos de maneira que atribuímos significados desde que o texto permita esse movimento.

É nesse sentido que destacamos o debate sobre identidade e cultura a partir das teorias de Stuart Hall e Homi Bhabha de modo a conversar com a nossa seleção, apresentando algumas possibilidades de como identificar essas marcas nas leituras literárias. Ressaltamos a importância de olhar para os elementos da narrativa: personagens e espaços, a representação que esses elementos têm sob a realidade e como eles podem auxiliar melhor na compreensão da identidade cultural. Portanto, vamos verificar a teoria do conto afim de elucidar o estilo da obra *Apurado de contos* de Efigênio Moura e o olhar para os personagens.

## 2.2. Personagem e espaço

Ricardo Piglia (2004), em suas teses sobre o conto, explora a estrutura do conto literário, partindo dos registros de Tchekhov. Discute a natureza dupla do conto, argumentando que todo conto conta duas histórias: uma aparente e outra oculta. Para apresentar o estilo marcante do conto clássico, exemplifica através dos contos de Poe e Quiroga, apontando para uma estrutura que narra uma história visível e ao mesmo tempo elabora uma história secreta, ou seja, de maneira explícita e implícita respectivamente. É ressaltada a importância das habilidades dos contistas em cifrar a história implícita através da explícita. Em seguida, partindo para as discussões do estilo do conto moderno, representado por mudanças, apresenta exemplos de Tchekov, Katherine Mansfield, Sherwood Anderson e Joyce, para demonstrar a transformação dos desfechos destes contos. Nesse momento, os textos abandonam o final surpreendente, estilo dos clássicos, e passam a trabalhar a tensão entre as duas histórias (explícita e implícita) sem resolvê-las.

Para ilustrar as duas histórias no conto e a mudança que ocorre no período moderno, sobre o desfecho, apontado por Piglia (2004); exemplificamos no conto “Lei do Sigilo Eterno” da obra *Apurado de contos*:

— *Os povo vão sabê quem é tu e aí quero vê tu andá no jipe de Clésio da Uepb, todo posudo... han? Tu num fez nada o quê, caba safado... e aquele fugado todo? Agora eu provo, se meta a besta pra vê se num provo...*

Era Samantha raivosa. Nervosa e decidida...

— *A ficha vai cair. Vô ligar mais não. Vô amanhã nos córrei vê se a encomenda chegô, se num chega, nem pise aqui na festa da Conceição viu? Alô? Alô? Caiu.*

Recolocou o fone no gancho. Colocou na boca a liga que amarrava o cabelo,

com as duas mãos fez o coque, suspirou forte, olhou para quem a olhava antes e rebolando seguiu rumo ao São Tomé no centro da cidade. No outro lado da praça, Dudu, o vendedor de rolete de cana comentou entre os dentes...

— *Danada aprumada da gota!!! Lascôsse Leandrin!* (Moura, 2016, p. 126)

Esse conto é uma cena representada através de uma ligação telefônica de um orelhão, no qual o leitor só tem contato com a conversa de um único lado. A ligação acontece, acaba e não é desvendado o mistério, ou seja, muitas vezes é isso que a história secreta é. E um desfecho aberto se faz.

Esse processo de características inerentes ao conto, e da transformação que ocorre nessas características de estilo, é melhor delimitado através da teoria de Hemingway, a teoria do *iceberg*. Essa teoria enfatiza o uso do não-dito, do subentendido e da alusão na construção da história. Kafka é citado como um exemplo de autor que inverte a abordagem, contando a história secreta de maneira clara e simples, enquanto narra a história visível de forma enigmática. Como conclusão, Piglia (2004) discorre sobre como o conto é construído para revelar algo oculto, reproduzindo a busca por uma experiência única que permite ver uma verdade secreta sob a superfície da vida.

Essas características, vistas aqui rapidamente, nos permite entender os estilos predominantes nas obras selecionadas, além, de iluminar os textos para os caminhos que devemos tomar ao buscar cumprir os objetivos da pesquisa. Se observarmos os trechos dos contos selecionados na seção anterior, podemos perceber que alguns estão repletos de não-ditos, de subentendidos e de alusões. Já outros estão interessados em expressar mais objetivamente suas intenções. Logo, escolher a obra *Apurado de contos*, que apresenta um estilo mais explícito diante das marcas que estamos em busca, facilita o exame dos elementos. Em contraponto, as obras de Rinaldo de Fernandes, de Políbio Alves e de Antônio Mariano, a partir do que interpretamos, apresentam escritas mais subjetivas, repletas de não-ditos em cenas que provocam a alusão de sentimentos mais íntimos. Ressaltamos, que nos dois casos, é possível identificar e interpretar marcas da identidade cultural paraibana, porém, uma obra que quer mostrar aquilo que estamos em busca se torna mais adequada ao nosso estudo.

Vejamos as considerações de Gancho (2006) a respeito da natureza do conto:

É uma narrativa mais curta, que tem como característica central condensar conflito, tempo, espaço e reduzir o número de personagens. O conto é um tipo de narrativas tradicional, isto é, já adotado por muitos autores nos séculos XVI e XVIII, como Cervantes e Voltaire, mas que hoje é muito apreciado por autores e leitores, ainda que tenha adquirido características diferentes, por exemplo, deixar de lado a intenção moralizante e adotar o fantástico ou o psicológico para elaborar o enredo. (Gancho, 2006, p. 8)

Observamos nessa definição, uma maneira incisiva de caracterizar o gênero literário conto. Portanto, entendido que a estrutura do conto é basicamente uma narrativa curta com os elementos da narrativa suprimidos dentro dele, ou como colocou o consagrado Mario de Andrade “o conto pode ser tudo aquilo que o autor chamar de conto”, é que vamos para os estudos de dois dos elementos fundamentais: personagens e espaço, afim de traçar os caminhos da análise narrativa do conto “Cai Cai Balão” de Efigênio Moura.

Segundo Aguiar e Silva (2004), a personagem se constitui como elemento indispensável à narrativa. Em seus estudos sobre a personagem como protagonista ou herói, destaca:

Em dados contextos socioculturais, o escritor cria os seus heróis na aceitação perfeita daqueles códigos: o herói espelha os ideais de uma comunidade ou de uma classe social, encarnando os padrões morais e ideológicos que essa comunidade ou classe valorizam. (Aguiar e Silva, 2004, p. 700)

Apesar de o autor estar se referindo à criação de personagens no gênero literário romance, utilizamos dessa citação para validar que o nosso olhar diante dos personagens em contos contemporâneos paraibanos pode buscar uma relação de representação da identidade do sujeito paraibano, a partir dos processos criativos do autor e daquilo que ele quer representar. Não esquecendo que a personagem de contos é mais suprimida diante da necessidade narrativa do conto, devemos perceber onde essas possíveis representações se estabelecem diante das estruturas que o texto oferece.

Portanto, atentos ao estilo empregado na obra *Apurado de contos*, percebemos sua estabilidade diante das estruturas narrativas, especialmente no que se refere aos espaços e personagens dos contos. Podemos afirmar que os personagens se caracterizam a partir das suas falas, dos diálogos que se sucedem dentro da história. Sempre os personagens principais são os que vão falar com as marcas da oralidade que remetem ao falar paraibano, do interior. Como, por exemplo, neste trecho de “Sequestro em Coxixola”, da obra *Apurado de contos*: “— Mãe tem qui tumá o remédio antes da meia noite.” Falava a filha da velha sequestrada, que foi tomar uma pinga. Ou em “Dia de jogo na Abadia” quando Maicon Suélio, de 12 anos, acha que vai perder o jogo de futebol do seu time e solta um: “— Eita fêbi, vai dá tempo não!”. E as histórias se desenrolam sempre em torno desses personagens.

Nesse sentido, vale ressaltar que a obra *Apurado de contos* apresenta as características mais marcantes dos personagens através do diálogo. Isso implica que as caracterizações não vão permear o campo das descrições físicas ou de retratos de sujeitos. Como coloca Aguiar e Silva:

Quando os retratos são inexistentes ou escassos, a personagem apresenta-se inicialmente como um *assemantema* que adquire significação, mais ou menos rapidamente e com maior ou menor clareza, através das suas palavras, dos seus actos e das suas oposições, diferenças e afinidades relativamente a outras personagens. (Aguiar e Silva, 2004, p.706)

É o que encontramos no conto “Cai Cai balão”, como vamos ver adiante. Além disso, visto a necessidade de estabelecer um critério para o que vamos observar, destacamos Beth Brait (1985), quando introduz sobre o olhar que devemos ter diante do elemento personagem, quando precisamos encontrar representações:

Se quisermos saber alguma coisa a respeito de personagens, teremos de encarar frente a frente a construção do texto, a maneira que o autor encontrou para dar forma às suas criaturas, e aí pinçar a independência, a autonomia e a “vida” desses seres de ficção. E somente sob essa perspectiva, tentativa de deslindamento do espaço habitado pelas personagens, que poderemos, se útil e necessário, vasculhar a existência das personagens enquanto representação de uma realidade exterior ao texto. (Brait, 1985, p. 12)

Desse modo, fica claro que para delimitar as possíveis representações de identidade cultural a partir dos personagens, devemos inicialmente considerar as representações que o texto possibilita ao nosso olhar, a partir do personagem e sua ação textual. E, só depois, implicarmos as discussões sobre a representação da identidade cultural dos personagens. Ao pensarmos como fazer isso, concluímos que um caminho para entender as marcas da identidade cultural a partir do texto literário, é indagar seus caráters na realização textual: se negativos, se positivos, se regionais, se nacionais, se globalizadas ou se são representações estereotipadas, de como elas se estabelecem a partir dos não-ditos e dos espaços vazios, quando o texto necessita do leitor para preencher significados.

### 3. ESTREBUCHANDO O TEXTO

#### 3.1. Dissecando o texto

O conto “Cai Cai Balão”, de Efigênio Moura, se compõe de uma cena narrada em Campina Grande/PB na época do São João. São dois amigos de folga, que se divertem no Parque do Povo à espera do show de Flávio José, artista consagrado do forró pé-de-serra nordestino. No meio da diversão, uma equipe jornalística do sul do país chega para entrevistar os amigos, quando eles começam uma disputa para defender seus gostos ante as perguntas feitas pelo repórter. A construção dos personagens e o conflito se realiza através das suas falas, em que apresentam suas oposições em uma rivalidade cômica. Uma boa briga encerra a cena do conto de maneira cômica.

Nesse sentido, começamos a análise pelo primeiro contato que o leitor tem com o texto, o título. A importância do título está em cativar, inquietar e introduzir o leitor para a história que será contada. Cabe a nós observar se o título está coerente com as estruturas seguintes da narrativa e, também, de traçar um olhar diante das possíveis representações. Desse modo, o título “Cai Cai Balão” se apresenta para o leitor ancorado em uma gama de significados que fornecem pistas sobre o conto. Como a estrutura da obra *Apurado de contos* localiza os títulos de seus contos em uma página separada do início da narrativa, é pertinente que a reflexão isolada seja realizada em suas possibilidades de leitura.

Portanto, uma possível primeira leitura é que o leitor pode rapidamente estabelecer associações com a famosa cantiga junina “Cai Cai Balão”, composta por Assis Valente (1933). Essa música, que remete às festas juninas, de temática sobre o perigo do lançamento de balões no ar, faz com que a premissa do conto esteja estreitamente ligada ao São João. Entretanto, existem ressalvas, como no caso de o leitor não conhecer a cantiga e não realizar essas associações diante do título. Vejamos a introdução do conto:

São João de Campina Grande.

Antes de começar o show de Flávio José, aproveitando a folga, dois garis dançavam no pátio vazio do Parque do povo. O som amplificava os sucessos de Flávio e os dois amigos, já calibrados, trocavam passos, ora engraçados, ora acertados. Era um malabarismo só e somente suas alegrias conseguiam explicar o momento.

São João. Padroeiro dos dois:” (Moura, 2016, p. 89)

A afirmativa “São João de Campina Grande” confirma as possíveis premissas do título, sem deixar margem para leituras divergentes. A época e o lugar são consolidados de maneira direta no 1º parágrafo do texto, que age quase como um subtítulo em sua função. Ainda na introdução, temos o espaço e os personagens contextualizados. É nesse segmento, que o narrador começa a caracterização dos elementos narrativos, que estamos focalizando, através da sua posição. O espaço, determinado a partir da cidade de Campina Grande, situa o leitor no Parque do Povo nas condições de “pátio vazio”, antes do início do show de Flávio José. Dos personagens, apresenta-se sua profissão e contextualiza-se que são amigos e estão de folga se divertindo no pátio, festejando despreocupados e alegres.

A apresentação dos personagens se concretiza através da voz deles:

— *Nasci no dia 24 de junho, purisso mãe butô João Batista, o Batistinha.*

Apresentava-se o mais baixo.

— *Nasci no dia vizin, do lado de cá, no dia 23, quaje partino pr’outro dia, João de Sousa, conhecido pru Juãozin Piaçava.* (Moura, 2016, p. 89)



Agora, conhecemos os seus nomes e datas de nascimento. Como temos visto na obra *Apurado de contos*, as falas dos personagens principais buscam representar a oralidade do falar paraibano. Nesse sentido, já na introdução, é possível estabelecer a interpretação de que estamos lidando com personagens posicionados socialmente em lugares desfavorecidos, que surgem do elemento explícito que é sua profissão, mas também, da fala deles, que subentende um baixo grau de escolaridade. Mais adiante, estabelecemos outros elementos que fortificam esse posicionamento.

O narrador, então, retoma a fala, apresentando mais características de *Batistinha* e de *Juãozin Piaçava*:

Eram muito amigos, apesar dos bairros diferentes. Batistinha do São José, Piaçava do Zé Pinheiro.

Naturalmente um torcia pelo Treze, e o outro, Campinense, mas o São João os unia, e dançavam juntos e provocavam as dançarinas das quadrilhas em arrumação, e ouviam desaforos e não ligavam para nada. Faziam piruetas e cantavam erradas as cantigas imortalizadas na voz do Caboclo Sonhador, nas letras de Luís Fidélis e Flávio Leandro. (Moura, 2016, p. 89-90)

Nesse segmento, são reforçados os laços de amizade que os personagens principais têm um com o outro, além de outros atributos dos personagens. Também são distinguidos através dos bairros onde moram, e o narrador distingue os times de futebol para que torcem. Esse complemento, feito pelo narrador, é de suma importância para o desenvolvimento do conto, tendo em vista que fecha a introdução e aponta para o início da construção do conflito, o qual será estabelecido a partir da oposição apontada. Desse modo, fica claro que a oposição é realizada em cima dos dois elementos que distinguem os amigos; o primeiro é o bairro, e o segundo é o time para que torcem. Vale ressaltar que o ambiente recebe adição na sua caracterização, e agora o texto permite que o leitor saiba que o “pátio vazio” não significa que não haja outros figurantes na cena, como é o caso das dançarinas das quadrilhas em arrumação. Esses figurantes são importantes diante daquilo que estamos buscando na pesquisa, mais adiante retomaremos isso.

Vamos observar o trecho que se organiza o início do conflito:

Abriram os braços, cantavam alto e desafinado, até serem percebidos por uma equipe de televisão que tinha vindo do Sul do país pra cobrir o evento.

Os dois dançando, o cinegrafista tentando enquadrá-los, o cabo-man arrumando uma posição, o repórter buscando no quengo o texto, de repente os dois param.

Batistinha e Piaçava perceberam que estavam sendo observados.

Todos param.

O cinegrafista achou o quadro, o cabo-man ficou quieto, o repórter se colocando dentro do quadro e se aproximando de costas para os dois...

Os amigos se entreolham e, surpresos e assustados, perguntam quase numa voz só:

— O qui nós fizemo? (Moura, 2016, p. 90)

Podemos ver que nesse trecho são introduzidos mais três personagens na cena: o repórter, o cinegrafista e o cabo-man. Diante das teorias de Aguiar e Silva (2004), distinguimos os personagens, na medida em que vemos uma progressão na caracterização de *Batistinha* e *Juãozin Piaçava*, através das informações que vão além da superfície de seus momentos e que continuam se desenvolvendo nas suas falas.

E. M. Forster distingue as personagens romanescas em duas espécies fundamentais: as personagens· desenhadas ou planas e as personagens modeladas ou redondas. As personagens desenhadas são definidas linearmente apenas por um traço, por um elemento característico básico que as acompanha durante todo o texto. (Aguiar e Silva, 2004, p. 709)

Assim, sendo a equipe de televisão apresentada de maneira superficial, sem muito aprofundamento, mesmo dando suporte para a ação do texto acontecer, seus integrantes se mostram personagens planos. Aguiar e Silva continua:

As personagens modeladas, pelo contrário, oferecem uma complexidade muito acentuada e o romancista tem de lhes consagrar uma atenção vigilante, esforçando-se por caracterizá-las sob diversos aspectos. (Aguiar e Silva, 2004, p. 710)

E continua:

A densidade e a riqueza destas personagens não as transformam, porém, em casos de absoluta unicidade: através das suas feições peculiares, das suas paixões, qualidades e defeitos, dos seus ideais, tormentos e conflitos, o escritor ilumina o humano e revela a vida. (Aguiar e Silva, 2004, p. 710)

Daí entendermos que os personagens principais do conto se aproximam mais do tipo redondo, pois, embora sejam pobres, não atendem ao estereótipo do nordestino sofrido, pelo contrário, são alegres, e, também, não se mostram preconceituosos com orientações sexuais diversas das suas, caso contrário, atenderiam ao estereótipo do sujeito ignorante por não ter instrução formal. Veremos como a representação desses personagens comprova isso mais adiante.

Nesse sentido, a entrevista se desenrola diante do Parque do Povo nos preparos para o início do Show de Flávio José, com os dois amigos “já calibrados” e em clima de festa:

Nada. O repórter começa:  
 — *Vamos conversar agora com um casal de gays maravilhados com a festa tradicional de Campina Grande, a alegria deles contagia a multidão, vamos saber qual motivo de tanta alegriaaaaaaaa...*  
 O repórter estava efusivo.  
 Ainda atônitos, os Joões quase que não entenderam nada.  
 — *Quem bixiga é gay Piaçava?*  
 — Shiiiiiiiiiii.  
 O repórter perguntou:  
 — *Com licença, qual motivo de tanta alegria amigos?*  
 Batistinha respondeu:  
 — *Ah, nós espera o ano todim pelo São João, a mió festa do ano, é 30 dia torano dento...* (Moura, 2016, p. 90-91)

Esse trecho deixa explícita a caracterização dos personagens e suas identidades através das falas. A fala do repórter não apresenta nenhuma marca que possa distinguir sua origem, mas fica estabelecido, pela sua profissão, que o falar atende ao padrão da língua portuguesa. Logo, se estabelece um contraponto de localização social e, ao nosso ver, fortalece a intencionalidade do autor de utilizar as marcas da oralidade empregadas nas falas dos personagens como um meio de representar a identidade paraibana de alguns sujeitos.

Nesse sentido, até o início do conflito ficam estabelecidas as caracterizações do espaço e dos personagens, delimitando o clima do conto e o conflito que vai movimentar a cena para o seu clímax. Diante das perguntas do repórter, o *Batistinha* e o *Joãozin Piaçava* estabelecem uma competição que ressalta a rivalidade em tudo que eles valorizam, principalmente, entre os times de futebol. Assim, o clima cômico se fortalece diante da entrevista, com a discussão

dos dois; e o repórter fica no meio tentando controlar a situação, sendo tudo motivo para aumentar a rivalidade. Até que:

Os ânimos exaltados, eis que de repente, no som do Parque do povo, toca-se a cantiga Cai Cai Balão. Piaçava começa a rir e a briga começa. O primeiro bufete foi no repórter que nunca mais quis saber de Treze ou Campinense e nem escutou o melhor show que Flávio José fez naquele São João... (Moura, 2016, p. 92-93)

A cena acaba com o início do show de Flávio José e a briga entre os personagens.

Percebe-se, então, que os dados do conto a respeito dos personagens e do espaço buscam espelhar sujeitos paraibanos de determinada classe (pobre) e em determinadas circunstâncias (festa popular), o que não se compõe como representação complexa e profunda, mas que consegue, mesmo de maneira um tanto pitoresca, materializar parte da cultura paraibana.

### 3.2. Preenchendo o texto

Alfredo Bosi coloca sobre a interpretação:

Se os sinais gráficos que desenham a superfície do texto literário fossem transparentes, se o olho que neles batesse visse de chofre o sentido ali presente, então não haveria forma simbólica, nem se faria necessário esse trabalho tenaz que se chama *interpretação*. (Bosi, 1988, p. 274.)

Nesse sentido, partindo da interpretação do título, onde ressaltamos sua equivalência com uma cantiga junina de mesmo nome, é possível que ao observarmos a música e seus significados, sua época de lançamento e os próprios conhecimentos comuns da cultura junina, possamos pensar em uma representação macro do conto, diante da identidade cultural paraibana relacionada ao São João.

É sabido que essa época do ano para o nordestino e para o paraibano se representa em uma identidade consolidada através das imagens de balões, das fogueiras, das comidas de milho, da caracterização do “matuto”, das quadrilhas juninas, do forró, das gincanas etc. Contudo, nos interessa saber em como essas representações identitárias estão dispostas no conto paraibano contemporâneo.

Desse modo, a partir das caracterizações na introdução, escolhemos começar o debate a partir do espaço. A frase “São João de Campina Grande”, como explicamos durante a apresentação das teorias de Piglia (2004), representa o estilo do autor de tratar de maneira explícita os espaços do conto através de espaços reais. Logo, seguindo a introdução, a localização se restringe através do narrador: “Antes de começar o show de Flávio José, aproveitando a folga, dois garis dançavam no pátio vazio do Parque do Povo”, onde o espaço da cena se dá no contexto da festa de São João mais conhecida da Paraíba.

Assim, considerando a influência que a descrição dos personagens incide no espaço, podemos interpretar que, mesmo para o leitor que não conhece a festa e os espaços retratados, se trata de uma festa popular. Isso se estabelece na medida em que o narrador atribui aos personagens principais a sua profissão.

O clima do ambiente se estabelece de maneira agradável, divertida, engraçada e é diretamente proporcional ao estado dos personagens, o que significa que eles estão confortáveis naquele lugar. Essa ambientação está carregada de significados para os paraibanos, como aquelas que destacamos no parágrafo anterior sobre o São João. O Parque do Povo, por ser um lugar real que proporciona cenas das mais diversas, torna o conto

verossímil e, conseqüentemente, estabelece estreitas representações de identidades culturais para os leitores que estão inseridos nesse contexto. Mas, para os leitores fora desse contexto, já destacamos, que a participação das figurantes “dançarinas das quadrilhas em arrumação” remete à cultura popular dessa época do ano, estabelecendo essas relações de ambiente já conhecidas.

Desse modo, partindo para outros espaços apresentados no conto, percebemos ainda sobre o a utilização de espaços reais, os quais o narrador destaca dois bairros da cidade de Campina Grande: o São José e o Zé Pinheiro. A representação desses espaços atrelados aos personagens serve de suporte na narrativa para ancorar a regionalidade deles e, também, fortalecer uma rivalidade/oposição até mesmo com esses elementos de localização. Na medida em que foi atrelado aos bairros, a predominância das torcidas dos times Treze e Campinense, algo que fica evidente na resposta de *Juãozin Piaçava* ao repórter: “— Oxe, nós so véve no Amigão. Eu sou do Zépa e quem é do Zépa tem de sê Raposa. Do Campinense. Campeão do Nordeste. Hexa...”. Podemos interpretar que esses processos de associação entre os espaços e o conflito do texto só são possíveis porque o autor tem vivências na cidade. Queremos dizer com isso que, para estabelecer esses tipos de relações, como a rivalidade construída até nos melindres, é necessário conhecer e conviver nesses espaços e contextos.

De outro modo, essa criação e essa recepção não poderiam se estabelecer com tanta coerência entre a realidade e a ficção. É nesse tocante que ressaltamos a importância de escolher contos de paraibanos, algo que nos permite encontrar marcas que são mais sutis apenas aos leitores paraibanos e estabelecem relações de identidade diante do espaço em que vivem. Através do efeito que a escolha de espaços reais na aplicação da ficção pode causar, o leitor paraibano pode se identificar como pertencente àquelas situações.

Então, diante dessas primeiras relações de identidade cultural sobre os espaços que estão em primeiro plano no texto, podemos perceber que é possível estabelecer representações mais explícitas, como já era esperado, e relações mais sutis, como é o caso da percepção sobre o conhecimento que o autor transmite na construção do seu texto. Portanto, definimos que a cidade Campina Grande e o local Parque do Povo, por serem mencionados na época do São João, estabelecem relações de identidade cultural paraibana de maneira explícita e positiva aos espaços, com características que se fortalecem na medida em que o texto se desenvolve. Já a menção aos bairros da cidade transmite conhecimentos extratextuais refletidos nas construções intratextuais, oferecendo um reconhecimento mais íntimo para o leitor paraibano (e campinense, em específico).

Sendo assim, voltamos agora o nosso olhar para os personagens, afim de identificar a marcas da identidade e as possíveis representações que estão se estabelecendo com os sujeitos paraibanos. Lembramos da teoria de Beth Brait, que ressalta a necessidade de, primeiro, olhar para o personagem frente a frente na sua construção textual, para depois, se coerente, realizar relações de representação com sujeitos reais. Buscamos, na sessão anterior, afinar o olhar para os personagens diante da sua construção e atuação no texto, chegando à conclusão de que os personagens principais do conto “Cai Cai Balão” se desenvolvem diante das suas falas, conflitos de oposições. Destacamos ainda que o texto fornece os dados dos personagens principais como a profissão, os estados de espírito, os nomes, apelidos, a data de nascimento, o bairro em que moram e para que time de futebol torcem, envolvendo os acontecimentos da narrativa em torno de *Batistinha* e *Juãozin Piaçava*.

Nesse sentido, observando a caracterização, nos questionamos sobre quem os personagens do conto podem representar. Então, é possível identificar a representação de sujeitos humildes do interior da Paraíba, na obra em questão, na medida em que os personagens principais da obra apresentam características que se assemelham em todas as histórias.

Esse é o caso de “Fanfai”, que narra o percurso da vida do fanho Lindalvo, que vai para Campina Grande vender seguros, ou do conto “Coisa chata”, que trata do dilema de Adailton, um sujeito que sai de Serra Branca para trabalhar como flanelinha em Campina Grande. O mesmo se dá na história de Nildo e Cláudio, que decidem invadir uma casa para realizar um assalto. Assim, vão se consolidando as intenções de representação através dos personagens principais dos contos, no lugar de sujeitos menos favorecidos socialmente e localizados no interior da Paraíba.

Logo, no conto “Cai Cai Balão”, percebemos os personagens principais situados nessa posição de representação dos sujeitos pertencentes a uma posição social menos privilegiada. Entendemos que as principais marcas que buscam diferenciar esses personagens dos outros, dentro do conto e do livro como um todo, estão presentes na adaptação linguística de suas falas para reproduzir as marcas da oralidade desse nicho de sujeitos.

Nesse sentido, pretendemos explorar essas construções para localizar as marcas da identidade cultural paraibana e como estas se representam nos sujeitos. Portanto, achamos importante destacar que o clima cômico construído no conto está ancorado mais fortemente na fala dos personagens principais.

Vejamos os segmentos das falas dos personagens nesse sentido que apresentamos:

— *Ah, nós espera o ano todim pelo São João, a mió festa do ano, é 30 dia torano dento...*

E riram. O repórter desenrola o texto

— *Campina Grande é famosa pela sua festa, sua gente hospitaleira e pelo futebol, não é? Vocês gostam de futebol?*

— *Oxe, nós só véve no Amigão. Eu sou do Zépa e quem é do Zépa tem de sê da Raposa. Do Campinense. Campeão do Nordeste. Hexa...*

— *Já eu, meu nome é Batistinha, muito prazer. Sou do Galo, do Treze, Campeão da série B de 86, único campeão paraibano sem perder pra ninguém de...*

Isso já foi motivo para se afastarem um pouco. Percebendo que a pergunta causaria confusão, o repórter mudou o assunto...

— *Qual melhor dia da festa daqui?*

Batistinha pulou na frente.

— *Treze. Dia 13. Dia de Santo Antônio. E num interessa quem vai tocá.*

Piaçava já se afastando...

— *Sabia Seu Zé, qui quem nasce in Campina é Campinense pra toda vida?*

Batistinha se intrometeu:

— *Sabia qui todo mundo um dia tem 13 ano. Entendeu? Trezi-ano?*

— *E quié númuro de Azar?*

— *Sabia qui a maior tucida é do galo? (Moura, 2016, p. 91-92)*

Através do segmento, podemos comprovar que as falas dos garis realizam a rivalidade e o conflito que se desenrolam na narrativa. Diante dessa estrutura, sentimos a necessidade de elucidar as questões de criação do clima cômico justamente no elemento que mais caracteriza os personagens em sua representação, para delimitar, afinal, que tipo de representação se pode perceber nessas construções. Logo, sabido que um dos artifícios narrativos para se estabelecer o clima cômico é o exagero, entendemos que utilizar esses artifícios a partir do falar paraibano pode deixar uma margem interpretativa para que tal recurso seja entendido como uma visão estereotipada acerca do falar nordestino.

Para isso, acionamos Homi Bhabha, quando trata sobre estereótipos:

O estereótipo é um modo de representação complexo, ambivalente e contraditório, ansioso na mesma proporção em que é afirmativo, exigindo não apenas que ampliemos nossos objetivos críticos e políticos, mas que mudemos o próprio objeto de análise. (Bhabha, 2013, p. 123)

Nesse sentido, precisamos observar que esses sujeitos não são inseridos em temáticas que os ridicularizam, nem em temáticas que representam, por exemplo, a pobreza extrema, o sofrimento, a fome ou a seca, entre outros aspectos de identidade já pré-estabelecidas a esses sujeitos que ocupam os lugares menos favorecidos socialmente no interior de estados do Nordeste brasileiro. Pelo contrário, no conto “Cai Cai Balão” o retrato elaborado para representação dessa identidade é a alegria, os valores dos personagens atrelados à cultura do seu estado, a preocupação em defender aquilo que representa suas identidades. Os dois garis, que são nascidos na véspera e no dia de São João, se divertem na maior festa pública popular da região como se estivessem em casa, e, de certa forma, estão. Não se intimidam diante de uma entrevista e muito menos seguem um *script*. É esse tipo de representação que os contos da obra *Apurado de contos* busca ao tratar de sujeitos humildes do interior.

Podemos lembrar do que fala Aguiar e Silva enquanto aponta a criação da personagem no romance: o herói espelha os ideais de uma classe social, encarnando os padrões morais e ideológicos que essas classes valorizam (Aguiar e Silva, 2004, p. 700). É assim que encaramos a representação da identidade dos sujeitos humildes e interioranos da Paraíba através do conto e do livro como um todo. Os valores dos personagens se estabelecem em elementos naturais de sua terra, como os times de futebol e a festa que mais representa sua cultura.

Ainda no sentido de olhar para os personagens, seguimos agora para os “estrangeiros”, afim de estabelecer uma relação de suporte diante dessas intenções de representação que foram levantadas para os personagens principais. Apontamos na sessão anterior que as falas do repórter estabelecem uma diferença do falar dos garis. Entendemos que esse aspecto textual reforça um contraponto diante da representação da posição social dos personagens. Essas características também se apresentam em outros contos da obra *Apurado de contos*.

Podemos ver isso no conto “Sequestro em Coxixola”, em que as falas da delegada se distinguem das falas de Claudinha:

Claudinha foi falar com a delegada.  
 — *Dôtorã vô logo avisano qui Nastaço comeu fava num faz duas zôra intão ele ta bufando mais pôde qui ticaca preña, é mió ele fica de fora da negociação...*  
 — *Dona Cláudia, resolva esse problema bem longe daqui, é melhor botar ele logo para fora de casa.* (Moura, 2016, p. 39)

Mesmo a delegada sendo pertencente à região, podemos entender que, por ela ocupar um lugar social de maior prestígio, a personagem deve possuir educação formal e, portanto, ter suas falas elaboradas de maneira mais neutra, buscando o português culto, sem as marcas da oralidade que são atribuídas aos outros personagens. Nesse intento, conseguimos delimitar, além da representação da posição social, que as intenções de representação através das marcas da oralidade não são para estereotipar os sujeitos, mesmo que sejam elementos fundamentais para o humor do conto. Essas representações servem, em verdade, para atribuir distinção ao aspecto cultural da fala, exclusividade ao lugar que os sujeitos representados ocupam, tanto no que diz respeito a lugar físico quanto a lugar social.

Um elemento presente no texto que não pode passar despercebido são as duas notas de rodapé presentes no conto “Cai Cai Balão”, que destacam as palavras: 1 Afulozada – Folgada; e 2 bufete – Tapa. É possível perceber que as notas de rodapé explicando os termos revelam uma postura voltada para o público externo à Paraíba, o que, ao nosso ver, tem intenção de alargar a leitura da obra em nível nacional.

Além disso, percebemos que no conto em nenhum momento somos situados no ano em que a cena acontece. Retomamos as teorias de Stuart Hall, diante dos processos de identidade dos sujeitos, onde ressaltamos a maior proximidade com o sujeito pós-moderno,

pelo caráter de estar inserido em uma fragmentação de representações, acelerado pelos processos da globalização.

Desse modo, selecionamos o trecho que apresenta um discurso, que mesmo superficialmente, pode exercer essa função de localização do espaço-tempo nos processos de identidade cultural:

O repórter começa:

— *Vamos conversar agora com um casal de gays maravilhados com a festa tradicional de Campina Grande, a alegria deles contagia a multidão, vamos saber qual motivo de tanta alegriaaaaaaa...*

[...]

— *Quem bixiga é gay Piaçava?*

— *Shiiiiiiii.* (Moura, 2016, p. 90-91)

Escolhemos esse trecho pelo significado do discurso do repórter, ao ver dois amigos se divertindo juntos, o que caracteriza as suas sexualidades com naturalidade. Apesar do estranhamento dos amigos, que não passa disso, os personagens não expressam maiores incômodos diante da afirmativa do repórter. É no sentido de entender que esse discurso não se concretizaria com tanta naturalidade em um tempo mais distante do contemporâneo que nos apegamos a essa rápida representação.

#### 4. CONCLUSÃO

Buscamos contato com o autor Efigênio Moura afim de elucidar as suas intenções com a obra *Apurado de contos*, bem como sobre o processo criativo do conto “Cai Cai Balão”, na perspectiva de estabelecer um paralelo entre as considerações do autor e as análises realizadas no decorrer da pesquisa.

Portanto, apresentamos as palavras do autor Paraibano Efigênio Moura, suas considerações acerca da obra e do conto analisados na presente pesquisa:

“Os contos foram se amontoando. E cada um deles, de forma breve e bem vivida. Digo contos mode que não tinham as pretensões de se tornarem romances longos, como os outros livros. Então resolvi contar aquilo que eu achava que poderia ser, dentro de uma vida caririzeira e até agrestina.

Imaginei o que temos de melhor que é a dedicação. As coisas, os bichos, os pé de pau, as tradições e a pessoa que está ao lado o não. A fé.

A intenção é mostrar o couro cru, sem ser curtido. A intenção é mostrar que macambira mata fome e que nós somos felizes porque somos do nosso jeito. Humorados, diretos, flecheiros, porque o tempo que nos sobra é para caçar cacimba. Então Apurados, a parte que se desenvolve no Cariri, é um amontoado de mim mesmo.

Quando se caminha para a cidade grande, eu trago os meninos de lá donde estava, como Adailton que sai de Serra Branca e se instala como flanelinha no cruzamento do Instituto dos Cegos, como eu torcedor do Campinense sofrendo nas arquibancadas do Amigão por alguém que nunca me viu, não me conhece, não sabe minha emoções e que me punha de joelhos diante de situações futebolísticas humilhantes. Assim é o futebol. Alguém que vc não conhece, nunca tomou o sobejo dele, de repente se torna responsável pelo seu bem estar ou mal estar.

Dessa Paixão pelo futebol, surgiram contos bacanas, como Nildo e Cláudio e Bicampeão (brincadeiras com os amigos trezeanos- Nildo e Cláudio viraram curta metragem). Surgiu o conto Dia de Jogo na Abadia, quando a imaginação de uma criança supera um casamento real até chegar em Cai Cai Balão, que foi um conto quase presencial. Eu vi a cena de dois amigos espalhando o basculho que um gari

pacientemente juntava no quase começo do show de Flávio José e disse: danou-se, covardia da gota. Então os imaginei garis em folga, e estamos em Campina Grande onde se tu num é Treze é Campinense e se não for nenhum dos dois, é estranho.

Mas sempre com a leveza de quem consegue distinguir pé de maniçoba de pé de mororó quando ta tudo cinza.

Tô doidim pra escreve outro apurados.”

(Efigênio Moura, via *whatsapp*, 08/11/2023).

Desse modo, pudemos perceber as claras intenções do autor de representar suas vivências, experiências e paixões através dos elementos da sua terra. Um ponto interessante sobre a obra que não foi destacado até o momento é o constante contato com as temáticas do futebol. Em sua grande maioria, o *Apurado de contos* contextualiza seus personagens e seus conflitos em relações estreitas com os times de futebol da região. Essa também pode ser considerada como uma marca da identidade cultural que engloba tanto uma marca da cultura nacional quanto, em específico, regional.

A análise do conto “Cai Cai Balão”, de Efigênio Moura, nos revela a estreita relação entre a representação literária e a identidade cultural paraibana. A partir da interpretação do título, exploramos as marcas da identidade cultural paraibana no contexto da festa de São João, destacando elementos como os espaços reais de Campina Grande: o Parque do Povo, os bairros São José e Zé Pinheiro, e as rivalidades futebolísticas entre os times Treze e Campinense, fatores que consolidam elementos de identidade indissociáveis da paraíba.

A análise dos personagens revelou a representação de sujeitos humildes do interior da Paraíba, cujas características se alinham a outros contos da obra *Apurado de contos*. Pudemos destacar os valores ligados à cultura local e à alegria representada durante as festividades juninas. O olhar para a oralidade dos personagens principais, construída a partir de elementos do falar paraibano, estabeleceram o clima cômico no conto sem recair nos estereótipos negativos. Ao abordar a construção do clima cômico, destacamos a importância de evitar interpretações estereotipadas do falar nordestino, considerando as complexidades e contradições presentes nos estereótipos. A representação positiva dos personagens principais, que expressam alegria e pertencimento cultural, reflete uma abordagem cuidadosa na caracterização dos sujeitos menos favorecidos socialmente. E a colocação desses sujeitos como personagens principais valoriza o povo no interior paraibano.

Além disso, ressaltamos a presença de notas de rodapé explicativas como uma possível intenção do autor de tornar a obra acessível a um público mais amplo, transpondo as fronteiras regionais. A ausência da marca temporal específica fez com que buscássemos equivalentes, dentro do texto, que pudessem aproximar a narrativa das representações do sujeito pós-moderno; daí selecionamos um segmento que apresenta um discurso que aborda a aceitação da diversidade sexual, como possível contextualização da localização de identidades contemporâneas.

Assim, conseguimos evidenciar não apenas a representação explícita da identidade cultural paraibana no conto, mas também a complexidade na construção literária que busca equilibrar o humor, a autenticidade cultural e a globalização de temas, contribuindo para a compreensão mais profunda das relações entre literatura e identidade cultural.

Nesse sentido, concluímos com a ressalva que a análise dos contos paraibanos é um processo em andamento, que esse recorte não representa toda a literatura de contos paraibanos, mas apenas uma pequeníssima parte. Evidentemente é preciso continuar investigando essa literatura para compreender e ampliar melhor as questões de identidade cultural paraibana na literatura.



## REFERÊNCIAS

- ALVES, Políbio. **Os ratos amestrados fazem acrobacias ao amanhecer**. João Pessoa: FUNESC, 2014.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myrian Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- BOSI, Alfredo. **A interpretação da obra literária**. São Paulo: Ática, 1988. p. 274-287.
- BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática. 1985.
- FERNANDES, de Rinaldo. **O professor de piano**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.
- GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2002.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopez Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2022.
- MARIANO, Antônio. **O dia em que comemos Maria Dulce**. São Paulo: Ficções Editora Ltda, 2015.
- MOURA, Efigênio. **Apurado de contos**. Campina Grande: Latus, 2016.
- PIGLIA, Ricardo. **Formas Breves**. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

## ANEXO – CONTO TRANSCRITO

### Cai Cai Balão

(Efigênio Moura)

São João de Campina Grande.

Antes de começar o show de Flávio José, aproveitando a folga, dois garis dançavam no pátio vazio do Parque do Povo. O som amplificava os sucessos de Flávio e os dois amigos, já calibrados, trocavam passos, ora engraçados, ora acertados. Era um malabarismo só e somente suas alegrias conseguiam explicar o momento.

São João. Padroeiro dos dois:

*- Nasci no dia 24 de junho, purisso mãe butô João Batista, o Batistinha.*

Apresentava-se o mais baixo.

*- Nasci no dia vizin, do lado de cá, no dia 23, quaje partino pr'outro dia, João de Sousa, conhecido pru Juãozin Piaçava.*

Eram muito amigos, apesar dos bairros diferentes. Batistinha do São José, Piaçava do Zé Pinheiro.

Naturalmente um torcia pelo Treze, e o outro, Campinense, mas o São João os unia, e dançavam juntos e provocavam as dançarinas das quadrilhas em arrumação, e ouviam desaforos e não ligavam para nada. Faziam piruetas e cantavam erradas as cantigas imortalizadas na voz do Caboclo Sonhador, nas letras de Luís Fidélis e Flávio Leandro.

*- Pia Batistin, tão sujano o chão de propósio. Ô povo rin!*

*- Vamo dançá in riba pra ispaia o lixo.*

Abriram os braços, cantavam alto e desafinado, até serem percebidos por uma equipe de televisão que tinha vindo do Sul do país pra cobrir o evento.

Os dois dançando, o cinegrafista tentando enquadrá-los, o cabo-man arrumando uma posição, o repórter buscando no quengo o texto, de repente os dois param.

Batistinha e Piaçava perceberam que estavam sendo observados.

Todos param.

O cinegrafista achou o quadro, o cabo-man ficou quieto, o repórter se colocando dentro do quadro e se aproximando de costas para os dois...

Os amigos se entreolham e, surpresos e assustados, perguntam quase numa voz só:

*- O qui nós fizemo?*

Nada. O repórter começa:

*- Vamos conversar agora com um casal de gays maravilhados com a festa tradicional de Campina Grande, a alegria deles contagia a multidão, vamos saber qual motivo de tanta alegriaaaaaaaa...*

O repórter estava efusivo.

Ainda atônitos, os Joões quase que não entenderam nada.

*- Quem bixiga é gay Piaçava?*

*- Shiiiiiiiiiii.*

O repórter perguntou:

*- Com licença, qual motivo de tanta alegria amigos?*

Batistinha respondeu:

*- Ah, nós espera o ano todim pelo São João, a mió festa do ano, é 30 dia torano dento...*

E riram. O repórter desenrola o texto...

*- Campina Grande é famosa pela sua festa, sua gente hospitaleira e pelo futebol, não é? Vocês gostam de futebol?*

- *Oxe, nós só véve no Amigão. Eu sou do Zépa e quem é do Zépa tem de sê da Raposa. Do Campinense. Campeão do Nordeste. Hexa...*

- *Já eu, meu nome é Batistinha, muito prazê. Sou do Galo, do Treze, Campeão da série B de 86, único campeão paraibano sem perder pra ninguém de...*

Isso já foi motivo para se afastarem um pouco. Percebendo que a pergunta causaria confusão, o repórter mudou o assunto...

- *Qual melhor dia da festa daqui?*

Batistinha pulou na frente.

- *Treze. Dia 13. Dia de Santo Antônio. E num interessa quem vai tocá.*

Piaçava já se afastando...

- *Sabia Seu Zé, qui quem nasce in Campina é Campinense pra toda vida?*

Batistinha se intrometeu:

- *Sabia qui todo mundo um dia tem 13 ano. Entendeu? Trezi-ano?*

- *E quié nímuro de Azar?*

- *Sabia qui a maior tucida é do galo?*

Pronto.

O cinegrafista já se balançava buscando um ou outro de tão afastado que estavam. O repórter agonizou-se. Mudou o assunto drasticamente...

- *Fora Santo Antônio, São Pedro e São João, qual outro grande santo daqui?*

Batistinha na frente:

- *São José. Meu bairro.*

Piaçava respondeu.

- *Santa Cruz, de Récife.*

- *Oxe e Santa Cruz de Récife é lugá de Campina? Indoidô foi vassôra afulozada?<sup>1</sup>*

- *Tá lembrando não frango goguento do cai cai la in Ricife, correrro cum medo de apanhá, Batestinha? E era um amistoso visse?*

O repórter já sem querer, estava no meio dos dois, doido pra fugir da situação...

- *E é infeli? E tu lembra onde essa merma Santa se aprontô pra mode num deixá vocês ganhá a copa do Nordeste de novo? Lembra? Freguês da gota serena...*

Os ânimos exaltados, eis que de repente, no som do Parque do povo, toca-se a cantiga Cai Cai Balão. Piaçava começa a rir e a briga começa. O primeiro bufete<sup>2</sup> foi no repórter que nunca mais quis saber de Treze ou Campinense e nem escutou o melhor show que Flávio José fez naquele São João...

Notas de rodapé:

1 Afulozada – Folgada.

2 Bufete – Tapa.

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho representa muito mais que a conclusão de um curso de graduação. Representa a superação, a descoberta, a transformação pessoal de mim mesmo. Este trabalho delimita um momento de conquista que necessitou de muita perseverança e coragem na abdicação de certezas que imbuíam meu ser e minha caminhada aqui na terra antes das escolhas oportunizadas para que o percurso, que torna esse trabalho uma realidade, pudesse ser trilhado. É reconhecendo este processo, que agradeço primeiramente à espiritualidade tão presente diante dos momentos decisivos para que eu pudesse viver esta conquista. Especialmente ao Mestre Jesus pela grande oportunidade de viver e de se relacionar com os seres como eterno aprendiz da vida. Destaco meus agradecimentos ao meu guia espiritual, que nunca me deixou desamparado, ao grande amigo Velho Zázá que perpetua sua presença em nossa família nos momentos mais importantes, nas tomadas de decisões, nas dificuldades e nas felicidades. E o grande amigo Fausto, pela presença marcante e saudosa em momentos importantes de descoberta e evolução. É ao citar esses nomes, que enalteço Tio Val e Titia, respectivamente Valdemir Mariano e Cynara Dinoá Matias Mariano, pela retidão no caminho de suas vidas que possibilitaram as vivências com os seres de luz citados acima. Sem os meus Tios, essa conquista não seria uma realidade. Então, agradeço especialmente a eles, pelo amor, pelo cuidado, pela dignidade, pela lisura, pelo compromisso de me dar a oportunidade para ir além e me transformar. Na relação que permeia o infinito, à minha Tia Cynara dedico meus agradecimentos, por todas as conversas esclarecedoras, reconfortantes e desafiadoras. Também, por ser a grande responsável pela ligação desses nomes até aqui citados, minha eterna gratidão e a gratidão de todos que me amam, por teres feito tanto na minha formação, ajudando não apenas a mim, mas todos ao meu redor. Nesse sentido, agradeço à minha Mãe pelos inúmeros esforços em me fornecer uma educação de qualidade, mesmo quando a dificuldade foi grande e mesmo quando eu dizia que não queria nada, por me amar incondicionalmente, te agradeço por estar aqui vivendo essa conquista conosco. Aos meus avós, Antônio Matias e Terezinha Dinoá Matias, minha eterna gratidão pela família que vocês constituíram. Agradeço à minha namorada, Caroline Rodrigues de Lima Souza, que está comigo na caminhada da vida, construindo um relacionamento incrível e participando desse momento com tanta presença, entusiasmo, parceria, amizade e amor. Agradeço à Lívia Dinoá Matias Mariano, pela nossa relação, que genealogicamente é de primos, que quando bebê era de sobrinha (porque eu amava ser chamado de Titio) e agora que é de irmãos dada a nossa convivência e parceria inquebrantável. Agradeço ainda, a Tio Fernando e Tia Cláudia, Igor e Vitor. Agradeço aos meus amigos, do bom e velho São José, especialmente a Rodolfo, Franklin, Samuel e Glauber. Aos amigos Otoni e Luiza, pela inenarrável conexão que temos desde sempre. Ao grande amigo Aluísio, que dividiu momentos desde o ensino fundamental até a conquista da graduação, e sempre foi uma pessoa que acreditou e vibrou pelas minhas batalhas e conquistas. Ao Rique Peres pelas vivências, algumas tão especiais e elevadas. Agradeço ao amigo Jojo por compartilhar tanto. Agradeço, também, Leticia Melo pelas inúmeras conversas e leituras, a Isabela Prazeres pela energia envolvente, pelos abraços apertados. Aos amigos que não foram citados, agradeço à presença de todos vocês na minha vida, todos são especiais. Agradeço ainda, ao meu Professor Anacã Agra que me apresentou a literatura à sua maneira cativante e particular. Agradeço, por fim, a todos os professores, e especialmente os do curso de Licenciatura em Letras Português da UEPB pela dedicação na formação de pessoas. Gratidão!